

GEOGRAFIA ESCOLAR: ESTUDO DO BAIRRO, CIDADE E MUNICÍPIO**Odelfa Rosa**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFG/CAC

odelfa@uol.com.br

Resumo: A proposta deste artigo visa discutir a importância de trabalhar na disciplina de Geografia dos anos iniciais, o estudo do bairro, da cidade e do município, tentando resgatar o espaço vivido em toda a sua complexidade. O espaço vivido aparece como revelador da realidade, assim procura-se destacar o estudo do bairro que poderá ser compreendido como pré-requisito para o aprendizado das noções espaciais. O estudo da cidade, considerado como espaço vivenciado por cada cidadão de maneira individual e o município ponderado como conteúdo significativo, interligando o espaço local ao global.

Palavras-chave: Geografia, estudo, aprendizagem, espaço vivido

GEOGRAPHY EDUCATION: STUDY OF THE DISTRICT, CITY AND MUNICIPAL

Abstract: The purpose of this paper discusses the importance of working in the discipline of Geography of the early years, the study of the neighborhood, city and county, trying to rescue the living space in all its complexity. The living space appears as a developer of reality, so try to highlight the study of the neighborhood that can be understood as a prerequisite for learning the spatial notions. The study of the city, considered as a space experienced by each citizen individually and as a municipality weighted meaningful content, linking the space local to global.

Keywords: Geography, study, learning, living space

Nos últimos tempos, assistimos a um rápido processo de transformação histórica. O mundo moderno encontra-se diante de vários desafios, que nem sempre são fáceis de serem resolvidos, devido à velocidade da informação. Com isso, o impacto das novas tecnologias reflete-se de maneira ampliada em todos os setores do conhecimento. Nesse contexto, é certo que a diversidade de áreas de conhecimento em

conjunto com a crescente complexidade da realidade, nos faz vivenciar, a cada dia mais, as novas tecnologias, globalização, era informacional.

A mundialização do espaço geográfico pelo Capitalismo tornou-se complexa e as metodologias propostas pela Geografia Tradicional não mais atendiam as novas propostas de conhecimentos. Assim, o período caracterizado pelo meio técnico – científico informacional, na década de 1970, começa a perpetuar-se com mais intensidade repercutindo diretamente no ensino fundamental.

A partir desse entendimento, podemos dizer que, diante dos avanços das técnicas são imensos os desafios a serem enfrentados pelas Instituições escolares. Concomitantes à este novo momento têm um período caracterizado por muitas crises, seja da escola ou do ensino de Geografia, pois o cotidiano da escola pública confronta-se com uma infinidade de desafios. Tantas mudanças devido aos impactos tecnológicos são percebidas de diversos modos em todas as Instituições. Entre elas, destaca-se a escola que deverá integrar tecnologias de informações e comunicações de modo criativo e crítico envolvendo seus estudantes para um novo repensar sobre a escola pública. Deveremos pensar a escola pública com um ensino de qualidade, aumento de recursos, salários, merenda escolar, escolas organizadas e adequadas para um bom funcionamento. Essas necessidades são urgentes para obtermos uma escola mais justa e democrática e que atenda aos anseios dos estudantes.

Percebe-se, então, que essa aceleração tecnológica promove uma rápida transformação da realidade dos sujeitos. A globalização, em fase de expansão, tem mudado e transformado as relações de educação da cidade e do campo, alterações substanciais da paisagem, desestruturação dos padrões culturais locais, dentre outros processos. Esses novos espaços aliados a tecnologia informacional, com novas formas de viver e pensar exigem uma reflexão profunda sobre o que é saber e sobre as formas de ensinar e aprender, criando novas metodologias para a ciência geográfica refletindo-se no trabalho do professor em sala de aula.

Paralelo a isso, as tecnologias redimensionam o espaço da escola e, por sua vez, a sala de aula torna-se um ambiente de possibilidades de acesso às novas aprendizagens, com as quais os estudantes e professores possam interagir e aprender, modificando a dinâmica das relações de ensino – aprendizagem. De acordo com Chaves et al (2006), a função da Geografia, como disciplina escolar é trabalhar com categorias básicas e conceitos que são importantes para a formação da consciência crítica do estudante em relação ao seu espaço de vivência, refletindo-se, na compreensão da dinâmica do espaço geográfico em nível global, nacional e local.

A apreensão do espaço vivido se reveste de significado importante porque passa a exercer um papel fundamental na construção do cidadão crítico e consciente, no sentido de favorecer uma leitura plena do território. À educação cabe a tarefa de atender a essas necessidades de leituras do território, o que exige um trabalho coletivo dos educadores por meio de mecanismos que garantam uma prática docente disciplinar, enfocando aspectos políticos, econômicos, sociais e naturais da realidade vivida entre o urbano e o rural. Sabemos, todavia, que com o Capitalismo, o urbano e o rural passam a ter espaços perceptivos diferenciados com reflexos na área da educação.

A cidade passou a ter um crescimento acentuado, fato que fez resultar em um processo de urbanização acelerado, principalmente, a partir da década de 1970. Concomitante a esse processo, as cidades sofreram profundas mudanças econômicas, sociais, políticas e educacionais com o sistema de produção capitalista. É nesse contexto do sistema capitalista que se revela a imagem da cidade com espaços perceptivos diferenciados. A cidade tornou-se um espaço importante devido ao novo modo de produção, iniciado no período medieval, quando emergiram diferentes formas e funções.

Paralelamente a esse momento, tivemos o processo de modernização da agricultura que aprofundou - se com o meio técnico – científico - informacional incorporado a partir da década de 1960,

intensificando na década de 1970. Nessa década, temos grandes mudanças nos processos produtivos rurais com reflexos sobre as propriedades e relações sociais de trabalho que tiveram repercussões de maneira geral no sistema educacional brasileiro. Em função dessas repercussões criaram – se novas exigências educativas (geográficas, cartográficas), determinando o grau das tecnologias em vigor. Contudo, considera-se, na década de 1970, uma série de movimentos na escola com intuito de modernizar o ensino, buscando adaptá-lo as necessidades e perspectivas de sua clientela, o que implicou uma reorganização pedagógica que partisse das condições concretas de vida das crianças, considerando sua realidade social.

No que se refere ao processo ensino – aprendizagem, a Geografia é uma ciência fundamental para o cidadão entender as questões sociais, sendo necessário, portanto, uma relação com outras ciências como a Pedagogia e a Psicologia. Nesse encaminhamento, a Geografia poderá contribuir para que o estudante entenda a realidade concreta construída pelos cidadãos. O espaço escolar deve ser compreendido por meio de conhecimentos significativos, levando-se em conta as relações construídas pelos estudantes em seu espaço de vivência, por meio de experiências diárias de seu entorno. O estudante deve perceber o seu entorno e desenvolver potencialidades capazes de favorecer mudanças na realidade em que vive. Conforme Callai (2002, p.101) “os currículos devem ser adaptados à realidade concreta e objetiva para que o estudante possa passar de mero consumidor de conhecimento e seja também protagonista do processo ensino – aprendizagem.”

Compartilhando com a citação, acrescenta-se que a formação consciente do estudante deve possibilitar, além da apropriação dos conhecimentos básicos, de acordo com um contexto histórico e político dos direitos humanos e da cidadania, a mudança de valores, atitudes e posturas. Essa formação compreende a apreensão de uma nova cultura em que o professor se perceba e também perceba seu estudante e os demais integrantes do trabalho escolar como sujeitos para que veja a

escola como espaço de exercício permanente de construção coletiva da cidadania.

Sabe-se que os conteúdos são instrumentos do processo ensino – aprendizagem. Cavalcanti (2002) sugere que, ao escolhê-los, o professor priorize a formação do raciocínio espacial dos estudantes. Por isso, os conteúdos devem ser além da localização e descrição de determinados lugares e elementos isolados. Devem justificar essa localização e buscar significação dos lugares, considerando inúmeros aspectos como os físicos, humanos, econômicos, culturais, geopolíticos, ambientais, cartográficos, além de outros articulados entre si. Os conteúdos não podem estar desvinculados dos objetos pedagógicos que orientam a escolha. Percebe-se dessa forma, a grande necessidade de direcionar o conteúdo de ensino valorizando o meio urbano e o meio rural de maneira individual.

Para compreender o que o espaço geográfico representa para uma sociedade, é preciso entender e conhecer o lugar de vivência de cada cidadão. O primeiro passo é fazer com que o estudante se reconheça como cidadão partindo de seu espaço conhecido, espaço próximo, espaço de vivência, englobando espaços cada vez mais amplos. O segundo passo é ensinar as habilidades espaciais fazendo com que o estudante aprenda a fazer a construção, representação, leitura e interpretação do espaço geográfico.

É lícito afirmar, que há uma grande diferença entre a criança que vive no meio rural e a criança que vive no meio urbano. As crianças do meio rural não têm uma infância e uma adolescência privilegiada, pois desde cedo aprendem a ter responsabilidades. Essas crianças não têm o espaço da brincadeira, o espaço do desenho livre e têm menor tempo para se dedicar aos estudos, devido à participação na lida do campo para ajudar na sobrevivência familiar. A esse despeito, Rosa (1999) afirma que:

O meio rural com suas características próprias, não é considerado no atual modelo de escola e o desconhecimento de tais

especialidades prejudica a escola, mesmo em suas funções básicas, como ensino da leitura, o ensino do cálculo e da escrita. A educação não leva em consideração a problemática específica da criança do meio rural, negando, inclusive sua cultura, sendo, portanto, uma extensão da educação urbana, onde não são considerados os interesses e as especificidades da população que ali vive (ROSA, 1999, p.60).

Por outro lado, a criança do meio urbano tem em média uma infância privilegiada, não tem responsabilidades com lidas (trabalhos) vai ao cinema, teatro, comemora aniversário com festas, tem um espaço repleto de brinquedos para desfrutar de cada momento e maior tempo disponível para o estudo. Boa parcela dessa população infantil desfruta de todos os momentos de sua infância e juventude sem preocupações e responsabilidades iguais as do adultos. Logo, ela se encontra em um universo com mais privilégios em relação à criança do meio rural.

Entendemos, assim, que temos duas formas de modalidades da mesma educação que apresentam propósitos e finalidades diferenciadas. Por essas razões, a organização da estrutura curricular necessita ser pensada e reformulada, no intuito de se repensar as estruturas pedagógicas em uma sociedade em constantes mudanças e transformações. Torna-se relevante observar que são necessárias novas metodologias de ensino que subsidiem uma proposta de trabalho diferenciada para os estudantes do meio rural e meio urbano, estabelecendo novas estratégias de ensino – aprendizagem em que os estudantes se sintam participantes ativos de seu espaço de vivência.

Nessa perspectiva, a cidadania se revela para o estudante como necessidade de adquirir conhecimentos, conceitos, procedimentos básicos por meio dos vários conteúdos e informações condizentes com a atualização didático-pedagógica. Notadamente que esses conhecimentos se completam com a devida exploração do espaço local, por meio de experiências e práticas cotidianas dos estudantes. Lopes (2004), afirma que,

“[...] a conduta apropriada na situação de ensino – aprendizagem seria partir dos conhecimentos que os alunos já possuem, discutir problemas que gerem conflitos cognitivos, dar ênfase ao processo de construção do conhecimento, secundarizando a busca de resultados (LOPES, 2004, p.112).”

Acrescenta-se que procedimentos como observar, perceber, sentir que fazem parte de nossa vida diária, deve ser fonte de aprendizagem, pois estão ligados às necessidades concretas de nosso meio. A compreensão da percepção, organização e representação do espaço na sociedade contemporânea exigem da criança um conhecimento mais aprofundado nos anos iniciais. As crianças estão vinculadas ao espaço em que vivem, portanto precisam explorá-lo, descobri-lo e refletir sobre suas descobertas nos diferentes modos de viver em sociedade. Ao estudar o meio, o estudante é levado a observar, descobrir e aprender novos caminhos que visam colaborar para que o aprendizado se torne algo concreto.

É imperioso ressaltar que as habilidades espaciais de perceber, localizar, representar, distribuir e relacionar se desenvolve em conjunto. A compreensão dessas habilidades torna possível à criança, ao aprendizado de conceitos espaciais básicos envolvendo o estudo do meio. O estudo do meio é considerado objeto de estudo da ciência Geográfica. Entretanto, para que o estudante venha exercer sua cidadania é preciso que ele aprenda a relacionar os conhecimentos escolares com seu cotidiano. O seu cotidiano pode ser um espaço redescoberto e, em busca de novos conhecimentos, o estudante passa a perceber que as mudanças vão ocorrendo ao longo do tempo e modificando o espaço. No que tange esse aspecto, Cavalcanti (2002, p.90) afirma que, “o objetivo do estudo do meio no ensino é o de mobilizar em primeiro lugar as sensações e percepções dos estudantes no processo de conhecimento para em seguida proceder-se à elaboração conceitual.”

Essa afirmação demonstra o quanto o estudo do meio é interessante para o estudante, principalmente, como um reforço para atividades práticas e para desenvolver habilidades sobre um determinado

tema a ser estudado. Notadamente, o estudo do meio torna-se relevante como forma de os estudantes compreenderem o seu cotidiano, seu espaço vivido e de experiências. Com base em Cavalcanti (2002), o estudo do meio é um processo em que o estudante trabalha a Geografia do cotidiano, bem como a Geografia de espaços distantes sempre voltados a questões de percepções e representações.

A finalidade do estudo do meio visa permitir que os estudantes redescubram seus próprios conceitos e sejam capazes de realizar uma leitura de exploração constante do meio em que vivem. De acordo com PROCAP (Programa de Capacitação de Professores – 2001) “por possibilitar ao estudante refletir diretamente sobre sua realidade, o estudo do meio se constitui em um instrumento fundamental para resgatar o lugar e as vivências dos alunos, ou seja, o espaço onde ele vive estuda, mora, diverte-se, circula, consome.”

Complementando a citação dizemos que, isso é considerado viável quando o processo de ensino-aprendizagem considera o cotidiano do aluno, seu contexto social, sua realidade, seu entorno partindo do estudo do bairro, cidade ou município e interagindo, a partir deste, com espaços mais distantes. Alunos e professores precisam explorar um tipo de conhecimento com conteúdos próximos a sua realidade concreta. Outro ponto importante a considerar é que não necessariamente deveremos começar um trabalho e ou conteúdo partindo do espaço próximo, mas sim incluir todos os lugares, partindo do global para o local ou vice – versa, sem seguir uma escala espaço temporal ou considerar os círculos concêntricos.

Neste sentido, optamos por fazer o registro de temas conhecidos no atual currículo escolar, da 2ª e 3ª série, como o estudo do bairro, estudo da cidade e estudo do município para o ensino rural e urbano. Considerando a importância desses temas e a diferença dos espaços escolares, é fundamental apontarmos como propostas alternativas diferentes tipos de saberes práticos referenciados em uma dimensão do espaço concreto vivido pelo estudante. Os conteúdos para o ensino rural

podem adquirir uma nova forma, colocando o estudante em contato com o espaço conhecido, podendo inclusive integrar propostas de ensino individual para o meio rural como o ensino referente às comunidades rurais e às fazendas.

Vários são os lugares para se estudar, desde que sejam significativos para os estudantes. Carlos (1996, p.30) “o lugar contém uma multiplicidade de relações, discerne um isolado, ao mesmo tempo em que se apresenta como realidade sensível correspondendo a um uso, a uma prática social vivida.” Corroborando a citação, o estudo da realidade do lugar em que se vive se torna fundamental ao aprendizado para entender o mundo da vida, e porque não dizer a promoção da cidadania.

Com base em Chaves et al (2004) o lugar é também o teatro e o palco das ações humanas responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações espontâneas e criativas. No lugar, cooperação e o conflito são a base da vida em comum. Portanto, a vida social se individualiza no lugar, onde a política se territorializa entre organização, institucionalização e espontaneidade.

Isso posto, dizemos que é no limite das experiências de cada indivíduo que o espaço se funde com o lugar. Para Machado (1996), o que começa com o espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos e o dotamos de valor. No entanto, a compreensão da experiência dos indivíduos em sua relação com as paisagens próximas, através da percepção pode fornecer importantes elementos para o entendimento da construção da realidade. As condutas e atitudes das pessoas em relação ao seu espaço de vivência estão relacionadas aos valores que elas atribuem às paisagens. Paralelo a isso, torna-se importante empreender um estudo em relação ao bairro/comunidades rurais, a cidade e o município.

1.1 Estudo do bairro na escola

Em relação ao conteúdo de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental é relevante considerar, com base em Cavalcanti (2002) os conteúdos procedimentais com temas como: desenvolvimento de habilidades de percepção, manuseio, interpretação, construção de mapas, mapeamento da realidade, leitura de realidades mapeadas, construção de mapas mentais, localização e correlação de elementos. Os conteúdos atitudinais e valorativos são aqueles que ajudam o estudante a agir no espaço por meio do aprendizado de conceitos e informações. São considerados conteúdos o estudo do bairro, da cidade, do município, comunidades e ou fazendas, meio ambiente em função da sua importância com o cidadão. Mas, pode-se perguntar qual importância de levar o estudante a entender o estudo do bairro/comunidades rurais compreendendo as noções espaciais?

Na 2ª série, o estudo do bairro e ou comunidades rurais pode ser compreendido como aquisição para o aprendizado das habilidades e noções espaciais. Partimos do princípio de que devemos compreender o conteúdo social do qual fazemos parte, o papel que nele exercemos e suas transformações ao longo do tempo como seres habitantes.

para um habitante de uma aldeia, das cidades européias dos tempos modernos ou das cidades industriais do século XIX, o bairro trazia e traz o enraizamento da vida social de seus habitantes. Refletiam na aldeia as divisões dos clãs, o espaço social dos antigos artesões e comerciantes e dos proletários do carvão (PAGANELLI, 1982, p. 152).

Corroborando a citação da autora, dizemos que a partir do bairro é que se revelam as raízes dos espaços sociais, pois os mesmos apresentam muitos detalhes e se definem pelas características físicas específicas das áreas e características de seus habitantes, isto é o espaço vivido e conhecido. Nesse sentido, há um mundo que se revela nos bairros onde a riqueza de detalhes das ruas foi se perdendo e ou deixados para trás com o mundo moderno.

Nessa perspectiva das relações sociais, com o mundo moderno, Carlos (1996) afirma que:

a atenuação da sociabilidade é marcada pelo fim das atividades que aconteciam nos bairros, como o fim das relações de vizinhança provocado pela televisão, num primeiro momento, e pelo adensamento dos automóveis, em outro, que tirou as cadeiras das calçadas (CARLOS, 1996, p.87).

Constata-se com isso que é o fim ou o começo de tudo, pois o bairro se abre para novos afazeres e discussões a partir do mundo contemporâneo interligando o perto e o longe. O bairro é o ponto de partida para trabalhar as noções espaciais e conceitos referentes ao espaço, pois é através do espaço de vivência da criança, espaço com maior significado que se faz o estudo do meio, na intenção de compreender e de saber como os diferentes elementos estão relacionados uns com os outros e podem explorar espaços mais distantes.

O bairro nos fornece elementos sobre nosso espaço próximo e sobre o mundo real de cada sujeito morador, suas histórias, suas perspectivas. É no cotidiano do seu dia a dia que o cidadão se encontra. Aflora no bairro o imprevisto que é passível de ser compreendido pelos seus moradores. Enfim, o bairro traduz no seu interior as tensões e os conflitos entre seus habitantes. O entendimento do bairro visa levar o estudante a conhecer o local onde reside (espaço vivido) e a partir daí ampliar seus horizontes. Tal importância do bairro procede, pois para se compreender o que o espaço representa para a sociedade, é preciso conhecer e entender o local em que vivemos.

A partir dessas reflexões, destaca-se a escola como um lugar de encontro de saberes científicos e saberes cotidianos. Nesse sentido, discutir com as crianças o ensino do bairro, torna-se fundamental nos anos iniciais, uma vez que trabalhar com esses conhecimentos nos seus espaços próximos (mundo vivido) irá contribuir para a produção de espaços geográficos mais amplos. Por sua vez, o professor deve estar preparado para repassar conteúdos geográficos, com a construção de conhecimentos básicos, para que o estudante tenha consciência do espaço

que eles vivenciam mais diretamente e, mais adiante, extrapolar para espaços mais distantes.

Neste sentido, a disciplina de Geografia estudada nos anos iniciais do ensino fundamental deve procurar tornar mais significativo para a criança as noções e conceitos espaciais, propiciando o conhecimento teórico para facilitar o entendimento prático da realidade em que o estudante está inserido (espaço de vivência). É neste âmbito que as crianças têm necessidade de saber e entender o quê estão fazendo em seu cotidiano vivido.

Acreditamos que uma disciplina como Geografia, ao possibilitar interpretações de vivências cotidianas como o bairro, tem uma dimensão ampla e formadora. Possibilita a construção de atitudes e valores (conteúdos valorativos) com novas formas de perceber e interferir no espaço de vivência, obedecendo a perspectiva de formação da cidadania. Para tanto, no processo de escolarização de 1ª a 4ª série, faz-se necessário destacar o estudo do bairro, onde os conhecimentos são construídos nas vivências cotidianas. Atendo-se a esse fato, no trabalho em sala de aula, deve-se levar em conta o conhecimento e as experiências trazidas pelo estudante. Ao trabalhar temas ligados ao bairro, precisamos fazer nosso estudante ampliar os conhecimentos adquiridos em sala de aula e acrescentar novas informações a partir da percepção dos elementos que compõem esse espaço partindo da observação da paisagem, levando-o a reconhecer e identificar o espaço de vivência.

Deste modo parte-se do momento vivenciado pela criança entre os diferentes espaços, tentando fazer uma ligação entre o conhecimento adquirido de maneira informal e os saberes aprendidos na escola. Assim, podemos discutir a noção de bairro vinculado ao conhecimento teórico informal e escolar, levando a criança iniciar sua vida em sociedade começando pelo bairro.

O bairro, um dos conteúdos trabalhados na 2ª série, pode ser compreendido como um espaço de mediação entre o espaço da casa e da família, considerado um espaço privado. A vida familiar e as relações de

sociedade mais amplas podem ser consideradas como espaço público. De certa forma, temos o bairro considerado como espaço de referência em diferentes momentos com graus de realidade bem distintos construídos ao nível de vida cotidiana.

Os conteúdos trabalhados no ensino fundamental em especial o bairro na 2ª série, deve instrumentalizar a criança no sentido de possibilitar a iniciação com a construção das habilidades e noções espaciais (perceber, interpretar, analisar), partindo da realidade conhecida do estudante, proporcionando a ligação do conteúdo ensinado com sua realidade de vida. Considerando o estudo do bairro dizemos que este é um processo de ensino – aprendizagem enriquecedora, em que professor e estudantes passam a trabalhar e conhecer os aspectos da realidade próxima.

Nesse sentido, temos a rua como elemento principal que faz parte do bairro e marca o limite de tudo o que acontece nesse meio, uma vez que,

[...] a rua enquanto nível de entendimento do cotidiano e da espacialidade das relações sociais coloca-se na perspectiva da constituição da sociedade urbana em seu movimento interno baseado na prática social na medida em que expõe o vivido (CARLOS, 1996, p.91).

Enfim, embora não pareça à primeira vista, o espaço próximo de vivência cotidiana como o bairro no qual a escola está localizada e os bairros de moradia das crianças mantêm relações com o restante do mundo, por isso é de fundamental importância para os estudantes, pois provoca em si a abertura à inquietude e a curiosidade dos muitos elementos espacial que pode ser estudados e apreendidos nesse processo geográfico perceptível e enriquecido de detalhes. Com base em Callai (2002), torna-se interessante estudar o próprio bairro, assim como a comunidade rural partindo da observação direta. Por meio de um pequeno roteiro pode-se levantar muitas questões buscando melhor compreender a relação entre os estudantes e seu espaço conhecido.

- Características externas: razões que levam a esse nome, localização na cidade, formas de acesso ao bairro ou comunidade rural.
- Características internas: procurar saber o tamanho/extensão, questão de ruas, estradas vicinais, áreas ocupadas, tipos de ocupação, áreas verdes, relevo, hidrografia, infra-estrutura, lixo.
- Comparações com outros bairros ou comunidades rurais: O que o bairro ou a comunidade rural têm, o que falta, onde buscar.
- Como é o fluxo: lazer, emprego, religião, educação, cultura, bancos, escritórios, dentre outros exemplos que julgar de fundamental importância.

Diante disso, Callai (2002) afirma que,

[...] é importante estudar o real e não o imaginário, o idealizado. O meio em que o aluno vive é rico de possibilidades de exploração de desenvolvimento de atividades, por isso deve-se sempre ter o real, o que de fato existe, como ponto de partida do estudo e não situações supostamente existentes (CALLAI, 2002, p. 64).

O entendimento do bairro entre os alunos das séries iniciais passará a constituir um local de compreensão da realidade, porque permitem fazer as crianças entenderem a sua essência e as contradições produzidas que se espacializam em diferentes momentos. Assim, num mundo em que está tudo globalizado e a informação ultrapassa todos os tipos de fronteiras, é necessário fazer o estudante entender a totalidade dos espaços interligando o lugar (próximo) com o global (distante). No dizer de Straforini (2004, p.83), “a totalidade está sempre se refazendo, está sempre em movimento.” Notadamente, diríamos que o ponto de partida para ensinar as séries iniciais seriam as relações de influências entre o espaço próximo e o distante.

É nesse processo de ensino geográfico do qual faz parte o bairro, que precisamos desenvolver nos estudantes as habilidades

espaciais para o aprendizado de conceitos geográficos e cartográficos, por meio de sua relação direta com o espaço vivido e, a partir deste momento, ampliar seus horizontes estabelecendo pontes que interligam a outros lugares mais distantes como um todo. Essa compreensão de escala implica o desenvolvimento das relações que envolvem as noções espaciais, construindo os referenciais de orientação da criança com seu meio geográfico.

1.2 Estudo da cidade na escola

Refletir sobre o ensino de Geografia atualmente nos faz pensar que o espaço geográfico pode ser apresentado de várias formas. Dentre essas formas, daremos ênfase à questão do estudo da cidade, espaço vivenciado por cada cidadão de maneira individual. A cidade passa a ter um crescimento acentuado com o Capitalismo, fato que fez resultar em um processo de urbanização acelerado, principalmente, a partir da década de 1970. Concomitante a esse processo, as cidades sofreram profundas mudanças e transformações econômicas, sociais, políticas e educacionais com o sistema de produção capitalista.

É nesse contexto do sistema capitalista que se revela a imagem da cidade com as diferenciações dos lugares. A cidade torna-se um espaço importante pelo novo modo de produção, iniciado no período Medieval, onde emergem diferentes funções e formas. Por sua vez, interessa-nos discutir sua importância para o ensino fundamental, pois é tarefa primordial ensinar aos estudantes partindo de seu espaço menor (cidade) fazendo-os refletir, na medida em que se vê o indivíduo como o agente transformador da sociedade.

Para compreender os processos que atuam na construção e expansão das cidades, é preciso entender também as novas formas de mudanças e transformações que o espaço geográfico urbano trouxe para a sociedade. Com base em Santos (1996), o espaço urbano são as relações sociais que acontecem no espaço (conteúdo). Enquanto que a cidade

significa a forma de determinadas relações sociais que acontecem por meio do espaço urbano. Logo, para entender a questão da cidade é preciso falar em espaço urbano, pois ocorre uma estreita ligação entre as duas categorias (cidade e espaço urbano). Cavalcanti (2001, p.15) observa que,

“a cidade é um espaço geográfico, é um conjunto de objetos e ações, mas entendendo que ela expressa esse espaço como lugar de existência das pessoas, não apenas como um arranjo de objetos[...]” (Cavalcanti 2001, p.15).

Esse espaço geográfico perceptivo do urbano é produto do homem em constante transformação e é produzido em cada momento diferenciado.

(...) compreender e explicar a produção do espaço urbano implica entender esse espaço como relacionado à sua forma (cidade), mas não se reduzindo a ela, à medida que ela expressa muito mais que uma simples localização e arranjo de lugares, expressa um modo de vida. (CAVALCANTI, 2001, p.16).

Compreender esse modo de vida significa dizer que os elementos do espaço, além de estarem ligados à economia, estão também relacionados a um conjunto de outros elementos sociais necessários para se repensar o espaço urbano. Tendo como horizonte o exposto, entendemos que as alterações das funções perceptivas urbanas evidenciam um espaço urbano diferenciado, devido à produção social das condições para certo estilo de vida relacionado a cada classe social com seu respectivo papel individual, atuante na sociedade.

A compreensão dessa realidade se dá a partir dos significados que a dimensão do espaço local percebido (cidade) possui em relação às modificações das velhas estruturas produtivas, econômicas, sociais e culturais que aconteceram com a expansão do Capitalismo. Para

Cavalcanti (2001, p, 20), “A tensão entre o global e o local é que vai definindo a configuração das diferentes culturas.”

Dessa forma, nota-se que o conhecimento perceptivo é peça fundamental para entender os atos cotidianos que, por menores que sejam, acabam influenciando a realidade do dia-a-dia, isto é o lugar de vivência. Assim, em cada espaço percebido ou percorrido no meio urbano encontra-se o contraste do espaço novo com o velho. Diante dos relatos, é licito considerar que perceber o contraste do novo com o velho nos faz captar os múltiplos detalhes de uma paisagem cotidiana transformada pelo homem.

Além do contato diário, temos vários elementos que colaboram para o exercício do olhar perceptivo da imagem urbana cujas múltiplas dimensões são exploradas de forma detalhada, dependendo de cada indivíduo. Com base em Bley (1982), existem elementos que se destacam em relação a imagem das cidades. Assim, consideram cinco elementos importantes como: os caminhos (ruas, linhas de trânsito, vias férreas). É por meio desses caminhos que o indivíduo se organiza e passa a interligar outros elementos com o espaço urbano.

Os limites (água, cruzamento de estradas, muralhas, muros), esses elementos é que organizam o espaço urbano. Os bairros são considerados elementos com dimensões variadas e podem ser observados internamente ou externamente. Consideram-se ainda importante os pontos focais que são os traços dominantes (confluências de ruas, estradas, ruptura de redes de transportes). E por ultimo, temos os marcos visuais que são considerados elementos exteriores como montanhas, edifício, loja, dentre outros.

É salutar lembrar que todos os elementos expostos acima se superpõem e se interligam, isto é, nenhum elemento se caracteriza de forma individual, pois apresentam uma estreita ligação e constituem o espaço urbano cartográfico (conteúdos procedimentais). Perceber a paisagem que nos rodeia significa considerar o espaço vivido composto pelas pessoas, ruas, calçadas, cores, movimentos do cotidiano, sons,

enfim o espaço habitado por todos os elementos geográficos. Notadamente, temos então na percepção urbana um resultado organizacional de um processo perceptivo que expressa a valorização da paisagem urbana.

Nessa ótica, o olhar perceptivo da cidade é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem com a participação da Geografia e Cartografia, pois as duas disciplinas em conjunto assumem uma importância singular, sobretudo, por estudar e representar o espaço geográfico, como dimensões de uma mesma realidade. Torna-se necessário incorporar, portanto, a realidade local, no caso a cidade, fornecendo elementos importantes para obter um enriquecimento didático-pedagógico que permita ao estudante estudar a própria realidade, superando o senso comum e reconhecendo a história do meio em que vive como sua própria história.

Assim, tendo em vista as alterações no campo das ciências, as novas possibilidades de acesso em todas as áreas do conhecimento, no período atual, estamos convivendo em uma sociedade tecnológica, onde a velocidade das informações impera com muita facilidade, trazendo novas formas de viver, trabalhar, vestir, comer, aprender, enfim, estamos interagindo com novas informações a todo instante. Na história da humanidade assiste-se a vários fenômenos, novos processos, novos produtos, novos conhecimentos que contribuem para a formação de um cidadão mais consciente e com nova forma de encarar e valorizar o ambiente de vivência local, no caso a cidade. Com base em Cavalcanti (2001), a referência básica e fundamental como ponto de partida para a maioria das pessoas é a cidade.

Notadamente, o ponto de partida é a cidade porque é o lugar onde se disseminam as relações que os indivíduos mantêm com o espaço local vivido em todas as suas dimensões. Portanto, é por meio da cidade, efetivamente, que as informações do global chegam de maneira excludente, condizentes com as condições sociais da sociedade. É lícito afirmar, porém, que o caminho que se abre para pensar o global não ignora

o local, pois um recondiciona o outro e nada se desfaz, produzindo uma multiplicidade dos sentidos. São essas multiplicidades que explicam a recriação de novos lugares com interferência no local e no global. Cavalcanti (2002) afirma que:

no mundo contemporâneo, há uma complexificação do espaço que se tornou global. O espaço vivenciado hoje é fluído, é formado por redes com limites indefinidos e/ou dinâmicos e extrapola o lugar de convívio imediato. É, também, um espaço extremamente segregado e segregador, onde cresce a cada dia o número de excluídos, de violentados, de desempregados, de sem – terra, de sem teto (CAVALCANTI, 2002, p.35).

Sob essa ótica, pode-se afirmar que em função do modo de produção capitalista existente têm-se reflexos profundos nas mudanças e transformações dos elementos geográficos. Face ao exposto e para entender a relação entre os lugares e os homens, é necessário perceber o espaço político, econômico, social, cultural, vivido e educacional do espaço construído e apreendido, isto é, o espaço geográfico. O espaço enquanto produto social deve ser percebido pelo homem como algo criado e interligado entre a sociedade e a natureza, através do tempo. Entendemos, então que o espaço é o resultado de um processo produtivo que se acumulou e desenvolveu ao longo de vários anos.

Tendo como horizonte o exposto e para compreendermos o espaço perceptivo da cidade , devemos penetrar em sua paisagem urbana que sofreu, sofre e sofrerá mudanças a todo instante em que a sociedade interferir e necessitar. Neste contexto, enfatizamos o espaço perceptivo das cidades em geral, fazendo um recorte temporal, focalizando o período a partir de 1970, pois é nele que acontece o fenômeno da urbanização brasileira. Desse modo, tivemos nessa década um rápido crescimento da malha urbana, causando profundas mudanças e modificações econômicas e sociais no espaço urbano. Isso ocorreu devido ao grande número de migrantes vindos de outros locais e influenciados pelo meio técnico – científico e urbanização desenvolvida no Brasil, com reflexos em uma escala menor ou maior dependendo do tamanho das cidades.

O crescente desenvolvimento da malha urbana em conjunto com a inserção de novos migrantes fez com que surgissem novos arranjos espaciais, resultando a modificação da paisagem urbana. Para Santos (1996, p.61), “Paisagem é tudo aquilo que nós vemos o que nossa visão alcança. Pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”

Nesses novos arranjos espaciais da paisagem, a cartografia urbana também se transforma e se modifica e a compreensão das velhas experiências dos indivíduos e sua relação com a paisagem próxima, por meio da percepção fornece novos elementos de entendimento da realidade em meio a sociedade contemporânea. Cabe elucidar que as condutas e as atitudes dos indivíduos em relação ao seu espaço de vivência próximo estão relacionadas aos valores que eles atribuem às dimensões da paisagem. Santos (1996), afirma que:

a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. (SANTOS, 1996, p.62).

Porém, ao estabelecer tais análises entre as diversas versões do mesmo fato, não se pode desprezar a figura cartográfica em que os elementos dispostos na paisagem urbana como as ruas, as calçadas, os fluxos de veículos, as pessoas, as vias de acesso simples ou com mão dupla, bem como a cidade e as escolas, compõem-se de novos espaços. Face ao exposto, deve-se considerar que a cartografia se preocupa com as informações espaciais de forma que suas relações tenham uma melhor representação.

Assim, visando, a esses novos espaços, devemos considerar de importância significativa a semiologia gráfica que, baseada na percepção visual, diz respeito ao ser humano em relação ao significado das cores, tamanhos, formas, funções, intensidade, orientação. Logo, para podermos fazer uma representação e uma análise dos elementos da

paisagem, é necessário considerar os modos de implantação das informações obtidas no espaço. Consideramos três os modos de implantação: O modo de implantação pontual, o modo de implantação linear e o modo de implantação zonal. Conforme Ramos (2005),

a informação pontual é relacionada a um par de coordenadas, que pode representar simplesmente a localização de fenômenos qualitativos. A informação linear, está relacionada a mais de um par de coordenadas, que formam seqüências de pontos que compõem linhas de caráter qualitativo ou quantitativo. A informação zonal, são fenômenos que estão relacionados a regiões predefinidas ou que se estendem ao longo do espaço. (RAMOS, 2005, p.20).

Na compreensão da relação dos novos espaços presentes na paisagem urbana interligados com a cartografia, dizemos que a capacidade de perceber e realizar transformações sobre essas novas percepções, novas formas de paisagens, novos aprendizados é que estreitam relações no contexto da sociedade contemporânea, assim como seu papel na formação do indivíduo, decorrente da rapidez do processo de transformação do meio urbano, que pode ser percebido na paisagem de cada bairro que compõe a cidade.

(...) o urbano não designa mais a cidade nem a vida na cidade, mas passa a designar a sociedade que constitui uma realidade que engloba e transcende a cidade enquanto lugar, pois tudo que existe entra em contato com o mundo todo, ligando pontos isolados do planeta. (CARLOS, 1996, P. 56).

Nesse contexto, dizemos que, com o acelerado processo de industrialização do espaço, é imprescindível considerar alguns aspectos fundamentais como pensar, perceber, construir imagens do ambiente próximo e de vivência (lugar), bem como a forma de desenvolvimento e aplicações desses lugares. Torna-se relevante considerar, que em função da globalização, a existência de formas novas na paisagem urbana, caracteriza-se por sucessivas mudanças do espaço natural, transformando-se em um espaço urbanizado pela ação antrópica, originando novos problemas para a sociedade. Carlos (1996) observa que:

a urbanização coloca, hoje, problemas atuais, produz - se em função das exigências em matéria de comunicação, de deslocamentos os mais variados e complexos criando uma hierarquia de lugares. Os problemas atuais postos pela urbanização ocorrem no âmbito do processo de reprodução da sociedade. (CARLOS, 1996, p.57).

Em decorrência dos problemas atuais gerados pela urbanização, o espaço urbano tende cada vez mais a sofrer um processo de fragmentação que emerge novos desafios nas cidades com implicações no modo de vida das pessoas como o morar, o lazer, o consumir dentre outros. Assim, pensando, esse novo processo compõe-se de um estranho comportamento do cidadão, diante das novas formas que a cidade enfrenta, se transformando com rapidez, eliminando as velhas formas e dando-lhes novas formas e funções. É importante elucidar que, com a crescente urbanização, ocorre a ampliação e a diferenciação dos espaços, resultando em perdas de identidades, fragmentações e exclusões dos cidadãos, pois Carlos (1996), afirma que:

essa fragmentação produz um constante movimento de atração – expulsão da população do centro para a periferia e vice - versa. Produz também uma multiplicidade de centros que tende a dissipar a consciência urbana na medida em que o habitar hoje a metrópole tem um sentido diverso, mudando hábitos e comportamentos, [...] (CARLOS 1996, p. 58).

É certo que vivemos hoje num ambiente social circundado pela informação e pelas mudanças aceleradas em que se concretizam novos lugares e diluem-se outros, com possibilidades de novas subjetividades e informações que se deslocam de forma acentuada, mudando o espaço geográfico de vivência.

Notadamente, para se compreender o que o espaço geográfico representa para uma sociedade, é preciso perceber, entender e conhecer o lugar em que vivemos. Assim, a escola deve propiciar ao estudante a possibilidade de perceber o mundo ao seu redor (cidade). A esse respeito Cavalcanti (2002, p.57) observa que,

a cidade é, para crianças e jovens em idade escolar, em primeiro lugar a sua morada, o seu abrigo. É o lugar onde as pessoas produzem sua vida cotidiana mais elementar, em casa, em sua privacidade, na convivência de seus amigos e familiares. (Cavalcanti 2002, p.57).

Contudo ao aprofundar o estudo da cidade com as crianças dos anos iniciais, o professor deve considerar a cidadania como fundamental nesse processo que se compõe de elementos básicos como a questão da produção, a circulação de pessoas e mercadorias e a moradia. Esses elementos são considerados imprescindíveis para uma boa leitura e aprendizado em sala de aula com o tema cidade, interligando os estudos geográficos.

Parece-nos então importante considerar algumas questões básicas que servirão para desencadear o estudo levantando fontes de informações (biblioteca, revistas, livros paradidáticos, documentários) sobre o tema:

- Características físicas: qual sua cidade de origem, sua cidade tem uma história, qual a principal atividade de sua cidade, pontos turísticos, como são as ruas, estradas ou caminhos?
- Características naturais: relevo, nascentes, vales, áreas verdes, vegetação, diferença de altitude, reserva ambiental, áreas de riscos.
- Distribuição espacial: comércio, indústria, áreas residenciais, praças, áreas de lazer, distribuição da população, transporte urbano e rural, distribuição das comunidades, fazendas, dentre outras atividades que o professor considerar fundamental para prosseguir com o estudo.

Por outro lado, é importante que essa pesquisa tenha algum tipo de fechamento, compartilhando com outros conhecimentos apreendidos durante o estudo. Essa conclusão do conteúdo poderá ter um produto final como a produção de cartilhas, livros, cartazes, painéis, folhetos, cartões, fotos, textos que valorizem cada vez mais o espaço de

vivência. Assim, no que diz respeito a esse tema, é fundamental trabalhar com a planta da cidade, mapa das comunidades, fazendas, identificando os lugares mais importantes e verificando o que eles representam para a cultura local.

Sob essa ótica é que podemos explicar, por meio dos estudos geográficos, como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de espaços novos e singulares, adquirindo conhecimentos com múltiplas relações de um lugar próximo com outro lugar mais longínquo. Com base em Carlos (1996), o espaço produzido deve ser entendido sob duplo sentido, isto é ao mesmo tempo em que se processa a mundialização do espaço urbano, se produz e se acentua a fragmentação do espaço geográfico e do indivíduo.

Contudo, as novas tecnologias são indispensáveis e contribuem para elencar a questão do município permitindo transitar pelo mesmo, tornando o ensino uma realidade concreta. No próximo item, o município será enfatizado no ensino de modo a estabelecer uma ligação entre a realidade do estudante e a realidade mundial. Desta forma, o estudo do município, de fundamental importância para a formação da cidadania, passa a ser mais produtivo, pois é um lugar que precisa ser entendido dentro do mundo.

1.3 Município: interligando o local e o global

Diante da velocidade atenuada das informações precisamos pensar globalmente para entender o mundo. Como se dão suas organizações e suas transformações numa sociedade cada vez mais mundializada? Por sua vez, os espaços como o município nunca deve ser vistos de forma isolada, pois existe a interligação necessária com os espaços longínquos (espaços globais).

Nesse aspecto, a construção do espaço do município dar-se-á por meio da Geografia por entre um emaranhado de interdependência marcante com os mais variados espaços globais. Sob essa ótica, discute-

se nas séries iniciais a importância de se trabalhar o Município como conteúdo significativo para os estudantes, em cada momento no ensino fundamental, interligando o espaço local com o global.

Precisamos fazer nosso estudante perceber e entender que mesmo vivendo em um espaço menor, este está interligado aos espaços mais amplos. Callai (2002, p.124) afirma que “como nenhum lugar se explica por si mesmo, é necessário o exercício constante da teorização estabelecendo ligações e buscando as explicações em nível regional, nacional e inclusive internacional.” Compartilhando com a autora Carlos (2002) observa que o lugar é sempre um espaço presente, é considerado como um todo atual com suas multiplicidades de ligações e conexões. Isso só pode ser entendido se não o considerarmos como fato isolado, pois a vivência de relações ganha impulso articulando o espaço próximo ao distante.

Corroborando a citação, devemos considerar o estudo do local, o próximo, pois o mesmo só terá significado se estabelecermos ligações com outros níveis de escalas mais distantes. Neste sentido, o ponto básico em Geografia nas séries iniciais é fazer com que o estudante compreenda o seu espaço de vivência, conhecendo o espaço que está sendo construído por essa sociedade e o tempo de sua vivência.

Conforme Callai (1999, p.76),

ao trabalhar o município no ensino de Geografia, estamos fazendo uma opção política que quer fazer com que o estudante se situe no espaço em que vive e que o compreenda como um processo em que a sociedade o constrói (Callai 1999, p.76).

A partir dessa perspectiva entendemos que após o conhecimento desse espaço mais próximo, o estudante da 3ª série passa a estudar o Município. Partindo do estudo realizado nas séries iniciais, o estudante dessa série, deverá entender que o espaço a ser compreendido torna-se maior, ou seja o município passa a conter informações a respeito

dos bairros, suas funções, cidades, campo, seus produtos, circulação de mercadorias, população, além de estar conectado com o resto do mundo.

Callai (1999, p.77) nos diz que “o mundo muda muito rapidamente. As coisas que acontecem em qualquer recanto podem ter a ver com lugares distantes. O que acontece em qualquer lugar é sabido por todos.”

Diante de tudo isso, é importante acrescentar que não se pode entender o espaço próximo (local) sem referenciar os espaços mais distantes. Logo precisamos trabalhar com os estudantes a noção de divisas e fronteiras de município, ao estudar os municípios vizinhos. Torna-se interessante desenvolver atividades voltadas não apenas em relação a limites e fronteiras, mas especialmente em relação a continuidade espacial. Há necessidade de ser bem trabalhada a noção topológica com a criança, pois ela é que nos faz conhecer e entender a continuidade do espaço. O preparo para o domínio espacial implica um conjunto de conhecimentos e habilidades para que o estudante consiga efetuar a leitura do espaço geográfico local para o mais distante. Por meio do entendimento da noção topológica é que fazemos nossas crianças entenderem a questão de envolvimento que irá determinar a separação entre duas regiões, a questão de limites, dentre outros.

Desta feita, podemos considerar que o estudo do Município permite à criança das séries iniciais constatarem a organização deste espaço (município) e também valorizá-lo por ser um meio mais próximo do qual está inserida, convivendo com as demais pessoas. Callai nos diz que,

[...] o estudo do município em que vive o estudante (isto é, do lugar em que vive) deve ocorrer desde as séries iniciais, juntamente com o processo de alfabetização. Ao permitir criar condições a que ele trabalhe com sua realidade próxima, o aluno estará conhecendo de modo mais sistemático, o lugar em que vive e construindo os conceitos necessários tanto para aprendizagens futuras como para sua vida (CALLAI, 1999, p.76).

Dar sentido e significado ao conteúdo trabalhado ajudam o estudante a construir e entender o conhecimento novo e a partir de seu mundo vivido ampliar seu aprendizado. Deste modo, realizar o estudo do Município no decorrer das séries iniciais orienta o estudante a produção do conhecimento porque o coloca em contato direto com os problemas espaciais e sociais de diversas ordens. Com isso, o estudante passa a adquirir novas informações e avaliar as diferentes espacialidades da realidade social estabelecendo conexões entre os lugares. Straforini afirma que,

quando o ensino de Geografia no primeiro ciclo do Ensino Fundamental evita estabelecer a conexão entre o local (próximo) e o global (longínquo) está fazendo um desserviço para o ensino, pois ao invés de trazer a realidade dos e aos alunos, está na verdade distanciando-os cada vez mais. (STRAFORINI, 2004, p.82).

Assim, como habitantes do Município, as crianças o percebem como uma referência com vinculação afetiva ao seu lugar de origem e que varia em função dos elementos espaciais em que cada indivíduo está inserido na cidade ou no campo.

No entanto é para o Município que convergem diversos campos do conhecimento. Por esta razão é que o Município é um dos conteúdos que deve ser trabalhado nas séries iniciais, para que se construam conceitos partindo do conhecimento prévio do estudante e de suas experiências. São importantes algumas atividades no momento em que é trabalhado o tema município na 3ª série: nome e localização de seu município, a história de seu município, cidades do entorno do município, o espaço urbano e rural, como é a distribuição das atividades econômicas, qual se destaca em maior quantidade e qualidade, existem atividades culturais e formas de lazer, como é a distribuição da população, como é a paisagem urbana e a rural de seu município?

Associados a essas atividades podem utilizar recursos como o mapa do município, da Microrregião de Catalão, das comunidades rurais, das fazendas, de atividades agropecuárias com uma simbologia pictórica

adequado para ser trabalhado com crianças neste nível de ensino, bem com visitas aos locais (estudo do meio) considerando um trajeto pré-estabelecido. Esse trabalho poderá resultar em um produto final como cartazes, painéis, construção de mapas com símbolos pictóricos criativos, legenda, título, sempre considerando que o conteúdo estudado seja algo significativo, que provoque o interesse de ambas as partes em discutir, refletir, aprofundar e aprender sobre o tema.

Acreditamos que desde as primeiras séries do ensino fundamental, é possível trabalhar uma Geografia capaz de construir seres conscientes de sua realidade, pois à medida que ampliam as dimensões do tempo, abre-se para a criança um mundo cada vez mais amplo, no interior do qual ela possa se situar. Assim, compreende-se o bairro/comunidade rural, a cidade e o Município como espaços possíveis de discussões, de forma afetiva e sentido concreto entre os estudantes do ensino fundamental.

Referências

BLEY, L. **Percepção do Espaço Urbano: centro de Curitiba**. 1982, 186f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

CALLAI, H. C. O Estudo do Município ou a Geografia nas Séries Iniciais. In: CASTROGIOVANNI, A C. et.al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 1999. 196p.

CAVALCANTI, L. S. de. (Org.) et.al. **Geografia da Cidade: a produção do espaço urbano em Goiânia**. Goiânia: Alternativa, 2001. 237 p.

CHAVES, M. R. et al. **Valorizar o lugar e transformar o espaço de vivência**: uma contribuição do ensino de Geografia à cidadaniana educação básica em Catalão(Go). Relatório final de Pesquisa do PROLICEN, 2004.

.
PAGANELLI, T. I. **Para a Construção do Espaço Geográfico na Criança**. 1982. 514fls Tese (Doutorado em Educação)- Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro,1982.

.
RAMOS, C. S. da. **Visualização Cartográfica e Cartografia Multimídia: conceitos e tecnologias**. Rio Claro: UNESP. São Paulo, 2005. 185 p.

ROSA, O. **A Cartografia na escola rural: ações e proposições para a 5ª série do: um estudo de caso.**(Dissertação de Mestrado em Geografia). Presidente Prudente: UNESP. 1999.165fls.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**.4ª ed.São Paulo:Hucitec. 1996.124 p.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade do mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablune, 2004.190 p.